

APRESENTAÇÃO

A Revista Informação & Universidade (RevIU) é um espaço para debates e apresentação dos novos desafios que surgem diante de nós, profissionais da informação que atuamos em universidades.

É uma proposta para abrigar a análise crítica das novas tecnologias nascidas para acelerar a veiculação da informação e discutir a melhor forma de aproveitá-las no cotidiano do fazer bibliotecário. Um local onde podemos expor as inquietações, os medos e a curiosidade que essa nova situação acarreta e, quando necessário, nos posicionando positiva ou negativamente diante desses desafios informacionais, que substituem, por vezes de forma muito rápida, as ações que envolvem o ciclo da informação.

Nem só o novo será o foco dos nossos artigos. Abrimos espaço para discutir os paradigmas que norteiam nossa profissão. Para discutir o papel da biblioteca como lugar de memória e as maneiras diversas de gerenciamento do espaço físico e dos acervos. Nunca esquecendo que a biblioteca não é apenas um local de estudo, mas também de convivência da universidade e da comunidade que a cerca. Além disso, serão muito bem-vindas as revisões históricas que nos façam refletir sobre as mudanças em nossa área ao longo do tempo e, claro, os relatos de experiências inovadoras, com novas e antigas tecnologias.

Embora tenhamos consciência de que o novo assusta, ele também aguça nossa curiosidade. Talvez justamente o bibliotecário, que traz no imaginário popular a aura da imutabilidade e de guardião da tradição, desta vez participe, efetivamente, da revolução de todo um comportamento informacional.

EDITORIAL

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

(Roger Chartier, *A aventura do livro: do leitor ao navegador*)

Quando pensamos no início da difusão informacional, podemos verificar que a velocidade do avanço da ciência está diretamente ligada à rapidez com que a informação circula nos meios científicos. Dessa forma, nos conscientizamos que o papel do profissional da informação também deve acompanhar essa mudança.

Foi sob essa perspectiva que começamos a pensar em um meio de expor nossos embates para cumprir com cada vez mais eficácia o objetivo da biblioteca: dar subsídios informacionais às atividades de seus usuários. Concluiu-se que uma revista seria o veículo de expressão mais adequado. O formato on-line pareceu-

nos o mais conveniente, em razão dos custos, da facilidade de atualização e administração do conteúdo, e por sua disseminação muito mais abrangente em comparação ao suporte impresso. Mas, sendo uma revista on-line, deveria ser apresentada com o mesmo formato de uma revista impressa? Essa pergunta vem sendo feita desde que começamos a acompanhar o avanço desse tipo de suporte, o eletrônico.

Confessamos que estávamos acomodados e, de certa forma, confortáveis com essa forma já conhecida de ver as revistas eletrônicas. Até ouvir o questionamento do professor Carlos Henrique Marcondes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em um seminário realizado pelo Programa de Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) há uns quatro anos. Nele, Marcondes alegou (e acreditamos que corretamente) que os suportes em meio eletrônico oferecem um potencial maior para que avancemos e ousemos na forma de apresentar essas revistas.

O papel levou séculos para substituir o pergaminho. Com ele deu-se o barateamento e, conseqüentemente, a popularização do livro. A imprensa levou séculos até produzir um efeito devastador na circulação da informação; os periódicos, com informações mais rápidas e pontuais (o que foi determinante para o avanço científico), levaram dois séculos para serem aceitos e utilizados incontestavelmente. Não cremos que as novas tecnologias de informação levem tantos anos para triunfar, mas, sem dúvida, demandará algum tempo para que consigamos conviver com a idéia de que elas substituam, definitiva ou parcialmente, os suportes atuais. O periódico eletrônico sofrerá menos resistência do que os livros, por exemplo, pois ele é, por essência, coletivo. O seu conteúdo tem a necessidade e o objetivo da disseminação e da adição de novas idéias. Esse compartilhamento foi e é o motor dos periódicos desde sua origem, e a rapidez da circulação dessa informação torna-o mais atraente.

Então, resolvemos aceitar o desafio e lançar a revista em um formato eletrônico mais aberto, o que permite que novos recursos sejam introduzidos. Esse formato torna a revista mais interativa e flexível, permitindo explorar mais os recursos oferecidos hoje pela web.

Este número de lançamento é diferente dos próximos, pois seus poucos artigos foram enviados através de convites. Quisemos lançar a revista em um evento que congrega a classe de bibliotecários indistintamente, para que ficasse claro que, mesmo sendo um veículo voltado para a biblioteca universitária, ele não é fechado em si mesmo. Deve estar aberto e disseminado para todos. E foi para homenagear o local em que esse evento se dá que escolhemos a paisagem do Abismo Anhumas para ilustrar a capa do número zero de nossa revista.

(CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: EdUnesp, 1998.)